HOMENAGEM PÓSTUMA

Homenagem a Luís Sucupira

O falecimento do comendador Luís Sucupira, no dia 11 de julho de 1997, enlutou o Instituto do Ceará, no qual pontificava o ilustre morto como figura das mais expressivas dos seus quadros.

No velório, na Academia Cearense de Letras, depois da missa de corpo presente, falou o consócio J. C. Alencar Araripe. Após a missa de 7º dia, na Matriz do Carmo, o Instituto do Ceará dedicou-lhe sessão especial, em que discursou o consócio Arruda Furtado.

Tanto na Academia como no Carmo, foi celebrante da missa monsenhor André Camurça. A seguir, na íntegra, as orações no funeral e na sessão.

Despedida na Saída

J. C. Alencar Araripe (*)

"A vida humana - sentenciava o padre Manuel Bernardes - é um teatro com duas portas, uma defronte da outra: pela primeira, entramos todos a fazer o nosso papel diante dos outros ou, para melhor dizer, todos diante de Deus; pela segunda, saímos todos, depois de haver representado. Uma entrada temos todos para a vida e assim mesmo uma saída; não sair quem uma vez entrou, por isso mesmo que entrou, é impossível."

Você, Sucupira, já atravessou as duas portas do teatro da existência: a 11 de maio de 1901, foi a festa da entrada; o momento da saída coincidiu com data idêntica neste julho de 1997, mas, a seu pedido, o funeral ocorre no dia seguinte, 24 horas depois; você, Sucupira, pela sua fé, não temia a morte; não a desejava, porém, antes da hora, segundo os desígnios do Senhor.

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará

Na galeria dos valores humanos do Ceará, Luís Cavalcante Sucupira ocupa lugar de relevo. Pelo desempenho em importantes funções públicas, pela atividade multifária que desenvolveu, pelo vigor da sua inteligência, o lustre da sólida cultura, o padrão moral de uma conduta irrepreensível e as singularidades pessoais que tanto o distinguiram.

O jornalismo, em você, Sucupira, vinha de longe, desde os albores da mocidade, tanto assim que, em 1925, quando tinha 25 anos, integrou o grupo fundador da Associação Cearense de Imprensa, a que presidiu mais tarde, eleito em pleito dos mais disputados que se feriu naquela entidade, de cujo Conselho Superior foi membro eminente. Redator-Chefe e Diretor do **O Nordeste**, jornal da Arquidiocese de largo prestígio, mantinha no vespertino católico duas colunas diárias, intituladas **Pontos de Vista** e **Fatos do Dia**. Na primeira, assinando-se como L.S., abordava os mais variados assuntos da atualidade local, nacional e internacional. Na segunda, sob o pseudônimo de Neto Júnior, focalizava o episódio mais curioso ou mais importante que se lhe afigurava.

Você, Sucupira, exercitou também crítica de cinema e teatro. Eis o motivo por que freqüentava com assiduidade o José de Alencar e as casas de cinema. Pelas suas opiniões orientavam-se muitas mães antes de permitirem aos seus filhos comparecimento às sessões cinematográficas. E serviam igualmente de roteiro àqueles que apreciavam filmes mais livres, pesados e obscenos. Se o jornal condenava a película, por inconvenientes morais, constituía o indicativo mais seguro de que o filme valia a pena...

Foi presidente da Associação dos Jornalistas Profissionais do Ceará, Interventor do Sindicato dos Jornalistas Profissionais, membro da Academia Cearense de Jornalismo e primeiro diretor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, hoje, Curso de Comunicação Social.

Luís Sucupira, como jornalista, não circunscreveu a sua atuação ao Ceará. Dirigiu **O Estado**, no Recife, **A União**, no Rio de Janeiro, onde secretariou também a revista **A Ordem**, os dois últimos órgãos ligados ao movimento católico, no qual pontificavam Tristão de Atayde e padre Leonel Franca, seus amigos, de convivência íntima e fraterna.

Como servidor da União, perlustrando altos postos, e em diferentes Estados, foi competente e probo. Encerrou a sua carreira como funcionário federal, no exercício do cargo de Inspetor da Alfândega de Fortaleza, cercado do respeito e da estima dos seus concidadãos.

Participou da Câmara dos Deputados, de 1933 a 1937, como expressão de trabalho e lucidez, primeiro, como Constituinte, e depois na complementação do mandato recebido do eleitorado cearense, somente interrompido pelo golpe do Estado Novo. Não se candidatou por sua própria iniciativa nem participou da campanha. A Liga Eleitoral Católica, que no Ceará funcionou mesmo como partido, caso único no Brasil de então, elegeu-o com a maior votação entre quantos se submeteram ao sufrágio popular. Teve papel saliente na coordenação das proposições patrocinadas pelas forças de que dispunha a Igreja Católica no Parlamento.

Secretário da Fazenda na Interventoria do Dr. Pedro Firmeza e na do Coronel Machado Lopes, procedeu com acerto e foi muito bem sucedido, de tal modo que, ao deixar aquela Pasta, o Estado não devia a ninguém, nem mesmo em restos a pagar, e havia saldos nos bancos. Na qualidade de Secretário respondeu interinamente pela Interventoria, primeiramente, substituindo Pedro Firmeza e, depois, Machado Lopes.

Você, Sucupira, pertenceu a uma infinidade de associações e órgãos de natureza vária. Enumerá-los seria até fastidioso. Mas duas instituições culturais devem ser citadas, pela importância de ambas, e porque foram o cenário preferido do incansável batalhador. Refiro-me à Academia Cearense de Letras e ao Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico).

Não menos relevante foi é a sua presença na área educacional. O professor patenteou-se, com eficiência e respeitabilidade, ao longo de grande parte da sua exuberante existência. Aqui, como no Rio de Janeiro, na escola secundária como em Faculdades, apesar de não possuir grau superior. Prevaleceu o notável saber.

Em idade provecta, que lhe assegurava direito ao repouso e à despreocupação, para colheita dos bons frutos que soube semear, ei-lo, lúcido, lépido, cheio de entusiasmo, como Presidente no Ceará da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade. Encar-

go a que se impôs desde 1960, e que soube honrar como poucos o fariam.

Recolheu, na longa trajetória, troféus merecidos. Medalhas de ouro, placas de prata, medalhas de bronze, títulos de benemerência, como o de comendador da Santa Sé, outorgado por Pio XII.

O governador Gonzaga Mota resgatou uma dívida do Ceará ao conferir-lhe, em momento de feliz inspiração, a Medalha da Abolição.

Reconstituo imagens de tempos idos e vividos. E revejo você, Sucupira, pedalando a sua bicicleta, com naturalidade e desempeno, em plena Praça do Ferreira. E revejo-o ainda, Interventor eventual, mas Interventor, na primeira fila do José de Alencar, onde os jornalistas tinham assento no Teatro Mimoso, como em certa época foi apelidado a nossa principal casa de espetáculos. Você que, pelo posto que detinha, dispunha de um camarote especial, que permanecia vazio.

Católico de boa cepa, sempre teve a consciência da precariedade das coisas humanas. Mesmo em instantes da grandeza e projeção, não perdeu a simplicidade sem afetação que emoldurou a sua personalidade.

"Morrer de muitos anos e viver muitos anos não é a mesma coisa", dizia o padre Antônio Vieira, que acrescentava: "Ordinariamente os homens morrem de muitos anos e vivem poucos. Por quê? Porque nem todos os anos que se passam se vivem, uma coisa é contar os anos, outra vivê-los, uma coisa é viver, outra durar. Também os cadáveres debaixo da terra, também os ossos nas sepulturas acompanham os cursos dos tempos e ninguém dirá que vivem. As nossas ações são os nossos dias, por elas se contam os anos, por elas se mede a vida: enquanto obramos racionalmente, vivemos; o demais tempos duramos."

Você, Sucupira, viveu muitos anos. Porque soube conciliar a longevidade com a intensidade e a beleza da vida.